

Discursivização da memória: a narrativa de Lourdes Boechat, da primeira jornalista profissional de Minas Gerais¹

Izamara Barbosa Arcanjo Ferreira Silva²

RESUMO

Este artigo pretende apontar algumas representações e imaginários sociodiscursivos sobre a mulher e a prática jornalística reveladas na narrativa de vida de Maria de Lourdes Boechat Cunha, primeira mulher a garantir o registro profissional de jornalista em Minas Gerais. A partir de 1934, Boechat (1995) começou a trabalhar no jornal Folha de Minas, em Belo Horizonte, onde desenvolveu sua trajetória profissional. A narrativa de Boechat (1995) integra o acervo “Memória do Jornalismo Mineiro” que faz parte do *corpus* de nossa tese de doutoramento. Ao contar suas memórias, Boechat (1995) autorepresenta-se, avalia a si, resignifica fatos e discursos passados. No relato, ressoam tons de denúncia, de nostalgia e de superação das dificuldades de ser mulher e jornalista no contexto histórico das primeiras décadas do século passado.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; narrativa de vida; memória; representações; imaginários

1 INTRODUÇÃO

O Museu da Imagem e do Som, vinculado à Secretaria de Cultura de Belo Horizonte, em Minas Gerais, guarda atualmente o acervo videográfico intitulado “Memória do Jornalismo Mineiro” formado por dezenove narrativas de vida de jornalistas que ajudaram a consolidar a centenária história da imprensa mineira. Os depoimentos começaram a ser coletados em uma primeira etapa no ano de 1982 e, posteriormente, em 1995, em uma segunda fase, graças a um convênio firmado entre o Sindicato dos Jornalistas, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em meio às personagens que compõem o acervo, destacam-se Aires e Edgar da Mata Machado, José Maria Rabelo, criador do Binômio, jornal símbolo da resistência contra a Ditadura Militar de 1964, José Mendonça, idealizador do curso de Comunicação Social da UFMG, além da escritora

¹ Trabalho apresentado ao GP História do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da FALE -UFMG

Alaíde Lisboa e de Maria de Lourdes Boechat, primeira mulher jornalista sindicalizada de Minas Gerais, cuja narrativa será nosso objeto de análise nesse artigo.

As narrativas foram gravadas em fitas de vídeo em formato HI-8 e VHS e tem duração que varia entre 55 minutos a 4h e 25 minutos, ao longo das quais os sujeitos que enunciam os discursos falam sobre sua infância, relações familiares, atuação profissional nos principais jornais da capital, resistência à censura ao governo Getúlio Vargas entre 1937 e 1945, rotina de trabalho do jornalismo, vida intelectual e cultural da cidade de Belo Horizonte, além da resistência à ditadura militar de 1964.

O conteúdo do material audiovisual do acervo transita por vários temas que parecem demonstrar a diversidade pela qual perpassava o fazer jornalístico nas primeiras décadas do século passado em Belo Horizonte e marcam a atuação dos jornalistas nos primeiros veículos de imprensa da incipiente capital de Minas Gerais como os jornais: “Folha de Minas”, “O Diário”, “Diários Associados”, a “TV Itacolomi” e as rádios “Guarani e “Inconfidência”, sendo essa última, a mais antiga rádio ainda em operação no Brasil.

Na perspectiva da Análise de Discurso (AD), o trabalho com esse corpus nos parece abrir possibilidades para analisar as escolhas discursivas que produzem certas representações socioculturais que compõem imaginários. Conforme Charaudeau (2008, p.207), os imaginários sociodiscursivos circulam [...] em um espaço de interdiscursividade. Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos. Outra questão que procuraremos abordar, trata-se de como se consolida o processo de constituição identitária da enunciativa que se narra frente às câmeras.

Em Belo Horizonte, os primeiros jornais da capital eram muito modestos e, em geral, tinham uma pequena duração. De acordo com Castro (1995), Joaquim Nabuco Linhares, ao analisar as primeiras publicações jornalísticas mineiras, afirmava que “estas eram espécies de “folhas ao vento”, produzidas sem nenhum investimento financeiro e quase sempre sem nenhuma perspectiva de remuneração econômica”. Ainda de acordo com Castro (1995), as primeiras publicações buscavam agregar, ligar as pessoas dispersas na nova capital do Estado e ainda apresentar à população belo-horizontina as aspirações dos grupos que formavam a imprensa que nascia. Esta primeira fase da imprensa belo-horizontina, segundo Castro (1995), durou até 1926.

Um exemplo emblemático de periódico panfletário, utilizado como um espaço de manifestação das opiniões de grupos específicos na década de 1930, foi o jornal “O Diário”, conhecido popularmente como “Diário Católico. o jornal conseguiu tornar-se o mais importante periódico católico da América do Sul” e se fez decisivo para o movimento restaurador católico, embora, assim como muitos outros, tenha enfrentado, durante sua existência, constantes problemas financeiros. Era neste contexto que se formavam os “jornalista”, ou seja, o aprendizado acontecia durante a realização do próprio ofício, conforme narrados em vários dos depoimentos que integram o acervo.

Ao remontar um passado, por meio do discurso, acreditamos que a narrativa de Maria de Lourdes Boechat reflete um conjunto de práticas jornalísticas que dizem respeito à tradição cultural e intelectual da cidade de Belo Horizonte, além da atuação da mulher naquele mercado de trabalho, sobre a qual discorreremos ao longo desse artigo. Ao mesmo tempo em que nos voltamos para os discursos produzidos no passado, temos a expectativa de que esses possam nos ajudar a desnudar e detectar certas continuidades como os dramas do nosso contexto atual no que diz respeito ao campo jornalístico.

Acreditamos que estudar a memória do jornalismo seja fundamental para entender a memória coletiva em formação hoje e como ela muda com as transformações operacionalizadas pelo próprio jornalismo. Embora haja muitas informações e memórias circulando nos ambientes ligados à Comunicação Social, é a memória armazenada pelos meios hegemônicos que vai servir de arquivo no futuro, o que nos faz perceber que estudar a memória no jornalismo pode ser um projeto de futuro importante

2 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Arquivo e discurso

A partir de uma perspectiva interdisciplinar, consideramos que a história se configura de memórias documentadas e é na materialidade da narrativa que ela se consolida. Nesse artigo, a narrativa da jornalista, Maria de Lourdes Boechat, não será entendida, então, como vestígio de verdade de um tempo que já passou, mas parte de um “arquivo” regido pela lei que organiza a dispersão do discurso em conjuntos de “acontecimentos enunciativos”, Foucault (2004) diz que o arquivo não é algo fechado e estático, está inserido no sistema de enunciabilidade discursiva, o que nos permite perguntar como surgiu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar. Assim,

Foucault (2004, p. 147) não entende por arquivo a soma de todos os textos que uma cultura ou que um grupo de pessoas guardou como documentos de seu próprio passado ou testemunho de sua identidade.

“[...] O arquivo é de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. [...] o arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido, é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o sistema de sua enunciabilidade”. (FOUCAULT, 2004, p. 146-147)

Com relação ao termo discurso, percebemos que esse é utilizado de maneiras variadas dentro do campo de estudo da própria AD. No nosso caso, as perspectivas teóricas que nos parecem mais interessantes, em função da natureza do nosso corpus, são aquelas que extrapolam a questão puramente linguística e que buscam uma multiplicidade maior de sistemas de interpretação. Por isso, vamos adotar nesse trabalho a teoria Semiolinguística na qual segundo Charaudeau o “discurso “ultrapassa os códigos de manifestação linguageira na medida em que é o lugar da encenação da significação, sendo que pode utilizar, conforme seus fins, um ou vários códigos semiológicos” (CHARAUDEAU, 2001, p. 25).

2.2 A questão da memória

A memória é a primeira abertura em direção ao passado. É pela memória que o passado se torna algo que pode ser representado pela escrita da história, ao mesmo tempo em que a memória se torna uma espécie de “fiador da existência de um passado que foi e não é mais” (CHARTIER, 2009, p. 23). Ante a emergência tão presente de uma cultura do registro, de uma “cultura da memória”, para usarmos os termos de Huyssen (2000), as mídias e, particularmente as mídias jornalísticas, ocupam um espaço de destaque nesse contexto em que a memória transita entre os variados usos como o político, o religioso, etc. Afinal, “sabemos que a mídia não transporta a memória pública inocentemente; ela a condiciona na sua própria estrutura e forma” (Huyssen, 2000, p. 22).

Para nós, uma das maiores precauções que se teve tomar ao estudar a relação entre mídia e memória é de assegurar a dinâmica das duas instâncias e de evitar qualquer tentativa de considerar as mídias uma espécie suporte, depósitos de memórias. A nossa tentativa é a de compartilhar nesse trabalho de uma noção em que as mídias se consolidam

como lugares, disputa, ressignificação e enquadramento da memória. (SILVERSTONE, 2002).

É importante voltarmos a ressaltar que narrativa de vida que vamos analisar faz parte de um arquivo, hoje, guardado em um museu, mas compreendemos que essa narrativa perfaz os caminhos da memória e se materializa em discursos atravessados por diferentes temporalidade. Ela ajuda a remontar um passado daquilo que foi feito, dito e, por que não, silenciado, na vida cultural e intelectual da Belo Horizonte dos anos de 1930 a 1960.

As conexões entre diversas fases temporais da memória são explicadas por Bergson (1990), que descreve o tempo como fluxo. O ser humano está sempre constituindo memória e vivendo a partir dela. As imagens percebidas são conservadas para serem úteis às ações na vida. Para o autor, perceber é também lembrar e entender como funciona a percepção e a memória é essencial em uma sociedade influenciada por impressões e relatos. O quadro teórico sobre a memória proposto por Bergson (1990) é importante para a nosso tema porque levam em consideração que os testemunhos, as narrativas, acionadas pela memória englobam percepções escolhidas para se adequarem a uma ação orientada.

Para o desenvolvimento desse trabalho também acreditamos ser importante recorrer às contribuições de um dos principais teóricos da memória, Maurice Halbwachs (1990), que inaugurou o conceito de memória coletiva para quem os indivíduos só são capazes de lembrar porque se conectam a grupos. Quanto mais tocado, sensibilizado pelo outro, maior a capacidade de se lembrar. Muitas vezes, o que aciona a memória é justamente uma interpelação do outro, no presente. (HALBWACHS, 1990, p. 39).

Segundo o autor, como reconstrução, a memória não se fixa em uma conservação da experiência, mas em novas construções a partir de um material de referência. Estes conjuntos de referências de uma dada memória coletiva que o sujeito mobiliza para se lembrar foram chamados por Halbwachs de quadros sociais da memória, que se apoiam na língua, no tempo e no espaço.

A memória individual se singulariza pelo seu ponto de vista sobre a memória coletiva. Diferentes grupos vivenciam o tempo de forma diferente, com durações diversas. Como definiu Halbwachs (1990, p. 23), "ninguém pode se lembrar realmente a não ser em sociedade". Cada memória individual é um ponto de vista sobre uma memória coletiva e este ponto de vista muda de acordo com o lugar que ocupo.

A memória profissional dos jornalistas do presente, pode ser entendida como uma memória coletiva que também incorpora vivências e experiências de grupos de jornalistas (como os sujeitos que integram o nosso corpus) que viveram no passado. Assim, uma boa parte do passado ainda é presente hoje em rotinas, em processos de trabalho constantemente revisitados.

2.3 O gênero narrativas de vida

A compreensão de uma narrativa como relato dos fatos, descrição do mundo real, feita por meio da busca da verdade e com objetividade, é contrária à perspectiva que a Análise de Discurso abre para os enunciados jornalísticos e sobre essas práticas. O que está em jogo, neste caso, é a ilusão referencial da linguagem. A linguagem não apenas descreve, ela constitui o que representa, produz sentido. É, portanto, processo produtivo.

É preciso, então, entender o sentido como efeito de um processo de relações entre enunciado e enunciação de um sujeito histórico submetido às condições de produção, em que os interlocutores estão situados em lugares, ocupando posições. Michel Foucault prenuncia essa ideia, que será desenvolvida por Michel Pêcheux também em 1969, dizendo que se deve tratar os discursos “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Assim, entender a narrativa como um processo produtivo de sentido permite situá-lo num lugar de constituição histórica.

Para Kaufmann, (2004), por exemplo, que fala do campo da Filosofia, a narrativa de vida é uma fonte importante para a construção da identidade do sujeito, mas ela não exprime fielmente a realidade da vida que é narrada. O que importa para este autor é a identidade que é projetada, reconfigurada, reorganizada a partir do processo de narrar-se. Narrar sua história de vida é um processo de construção de sua identidade. Narrar uma história de vida seria a possibilidade que o sujeito elabora para recontar sua experiência de fatos vividos no passado, utilizando de estratégias discursivas que visam marcar ou projetar uma identidade, uma imagem de si.

Bakhtin (1997; 2006) discute os textos biográficos a partir do processo de criação artístico do texto literário, o que o autor vai definir como um ato estético. Bakhtin apud Lessa (2015) afirma que:

“Nesse ato, é o escritor quem dá acabamento a uma obra literária, é ele quem, a partir de um exterior (de uma posição exotópica), molda o herói, as personagens que povoam seus romances, reconstitui as

diversas vozes sociais que se confrontam em uma conjuntura sócio histórica. Assim, tempo, espaço e o sentido que se dá ao herói, em um romance, tornam-se significantes esteticamente” (LESSA, 2015, p.162)

Para a pesquisadora Ida Lúcia Machado (2012), narrar uma história de vida seria a capacidade que os sujeitos desenvolvem, utilizando algumas estratégias de organização discursivas que tem como objetivo construir uma imagem de si, reconfigurar uma identidade, inclusive pelo viés da emoção. Para a autora: “Este pode ser um objetivo a ser utilizado em estudos sobre Narrativa de Vida: a intenção de comover, captar o auditório por parte de quem ‘se conta’[...] A narrativa de vida pode realmente ser considerada como uma estratégia argumentativa, da qual, na sociedade atual, poucos de nós conseguimos escapar. (MACHADO, 2012, p.81)

2.4 As representações e imaginários sociodiscursivos

Nesse processo de reconfiguração das identidades, Charaudeau (2007) revela que a nossa identidade se constrói a partir um paradoxo: precisamos do outro para tomar consciência de nós mesmos, de nossa existência, mas, ao mesmo tempo, sentimos a necessidade de rejeitá-lo por ele ser diferente ou de moldá-lo, de torná-lo semelhante a nós.

Para Charaudeau, essas representações sociais constituem um ponto importante, pois para firmar contratos de comunicação, por exemplo, são necessários os conhecimentos sobre a situação de comunicação e sobre as circunstâncias nas qual um ato de linguagem acontecerá. É preciso, para o sucesso dos contratos de comunicação, saber, por exemplo, quais os papéis dos parceiros, quais estratégias usar etc. A questão é que esses saberes, em muitos casos, se apresentam de forma implícita, ou seja, são saberes pressupostos e, ao mesmo tempo, não-tematizados.

Na tentativa de esclarecer um pouco mais a questão, Charaudeau (2006, 2007) propõe a utilização da categoria de “imaginário sociodiscursivo” como forma de descrever os saberes partilhados, explícita e implicitamente, pelos sujeitos participantes do ato de linguagem. Charaudeau (2007) mostra que o termo “imaginário” apresenta diferentes sentidos, de acordo com a sua aparição no decorrer do pensamento filosófico.

Para Charaudeau (2007), para que uma comunicação de estabeleça de maneira satisfatória é necessário que os sujeitos que estarão diretamente envolvidos no

processo de comunicação compartilhem os mesmos contextos históricos-sociais. Assim Charaudeau (2007) define os imaginários sociodiscursivos:

[...] um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, que, como dissemos, constrói a significação dos objetos do mundo, os fenômenos que são aí produzidos, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. (CHARAUDEAU, 2007, p.53)

Ainda segundo o autor, a construção dos imaginários sociodiscursivos está relacionada aos saberes de conhecimento e aos saberes de crença. No primeiro caso, estaria ligado aos fatos do mundo e não às subjetividades. No segundo, ao contrário, toda a experiência dos sujeitos é levada em conta. Em resumo, os imaginários constituíram nas representações de ordem discursiva que circulam em uma determinada sociedade. Nas palavras de Charaudeau (2006, p. 198): “Saberes de conhecimento e saberes de crença estruturam as representações sociais. Os primeiros, ao construírem representações classificatórias do mundo; os últimos, ao darem um tratamento axiológico às relações do homem com o mundo”. Daí um engajamento daquele que enuncia em relação ao conhecimento enunciado. Com isso, o homem se impõe ao mundo, que passa por um filtro interpretativo do sujeito. Pode se apresentar na forma de uma revelação e de opinião.

3 A NARRATIVA DE SI: MARIA DE LOURDES BOECHAT

A narrativa de Maria de Lourdes Boechat, mais conhecida no meio jornalístico como Lourdes Boechat, foi gravada em vídeo, no formato Hi-8, no dia 6 de junho de 1995. A narrativa parte de uma entrevista feita pelos jornalistas Arlindo Medeiros Filho, Rogério Faria Tavares e Mario Viggiano e pela historiadora Carla Ferreti Santiago. No relato, todo em primeira pessoa, a jornalista, então, com 84 anos, revela que nasceu aos 26 de novembro de 1911, em Portela, distrito de Três Irmãos, no Estado do Rio de Janeiro, às margens do rio Paraíba, de onde saiu ainda bebê com a família que se fixou em Carangola-MG, na Zona da Mata.

Boechat revela ainda que foi alfabetizada em Carangola e fez o curso de normalista (para se tornar professora) em um colégio interno. Em Belo Horizonte, toda a sua carreira como jornalista foi vivida no extinto jornal “Folha da Manhã”, a partir do ano de 1934.

A seguir passamos a transcrever e a fazer um esforço analítico inicial a partir de alguns fragmentos do discurso de Boechat:

(1) Boechat: Olha, vendo agora essa sua pergunta, me ocorre que essa coisa de ser pioneira é uma constante em minha família, é uma praga sabe... meu pai implantou na região de Carangola, em todas as cidades limites como Faria Lemos, todas aquelas cidades, o cinema que até então era mudo.
“... Então, ele foi o pioneiro, né? Levando coisas no lombo de mula, aquelas latas de filme para passar em Manhumirim, recolhendo em Manhumirim e indo até Manhauçu, para passar também em Manhauçu e descendo ali a fora. Então, eu acho que foi dali que eu herdei esse negócio de me antecipar ao meu sexo.”

A julgar por esse excerto, percebemos que o pai da narradora era dono de um antigo cinema, que à época ainda era mudo, na cidade de Carangola. Percebe-se que na reconstrução de flashes de sua vida, a narradora seleciona alguns fatos que foram significativos para a formação de sua identidade.

Na discursivização sobre esta parte de sua infância, Boechat reivindica para si uma representação de pioneira e esse pioneirismo aparece como uma força naturalizada, inculcada a partir dos laços familiares, da história, enfim, de sua linhagem. Ela atribui um acento valorativo positivo ao fato de ser pioneira, o que teria mobilizado a jornalista se tornar uma progressista com relação às questões de gênero, o que ela deixa explícito na frase: “eu herdei esse negócio de me antecipar ao meu sexo.” A noção de pioneirismo perpassa grande parte do discurso da narradora e ajuda a consolidar um imaginário de modernidade.

(2) “É... participava em festas, assim... de datas históricas ou datas religiosas e comungava todo santo dia e ia a missa todo santo dia, confessava de 8 em 8 dias, né? E dessa maneira, atravessei assim... vontade de ser freira, depois atravessei a vontade de casar e de fugir do colégio, essas coisas todas de qualquer adolescente, pré-adolescente.”

Na seleção (2), a narradora avalia e reinterpreta seu passado de adolescente. Os fragmentos da narrativa sublinhados sinalizam uma indexação às representações ou uma aceitação de representações sociais que definem quais são as funções que deveriam ser desempenhadas pelas mulheres naquele período, ou seja, nos anos 20 do século passado, quais os papéis sociais elas deveriam assumir. Fica pressuposto no texto que era considerado comum para as mulheres daquela época se cassarem e serem religiosas, o que mobiliza um imaginário de tradição. Boechat, como um sujeito de seu tempo histórico, se via engajada nesse imaginário, e ao discursivizá-lo, em 1995, de maneira consciente ou não, ela o faz na tentativa de explicar e contrapor a diferença de histórica e

sociocultural do papel e dos lugares da mulher nas primeiras décadas do século passado e no momento da captação da entrevista. Vejamos outro fragmento:

(3) “Olha eu sempre tive muita vocação para o estudo, não um estudo assim... hermético, mas um estudo aberto, lia demais, lia escondido. Então era considerada assim... uma das primeiras de minha classe e, com isso, tirei o primeiro lugar... “Não, nunca pensei em ser professora, tenho horror de ser professora e cumpri, e paguei essa minha aversão lecionando em Carangola quando eu me formei. Eu me formei no dia 8 de dezembro de 1928, no dia 2 de fevereiro de 1929 eu comecei a lecionar em Carangola, lecionei no grupo, aí... já existia grupo escolar. Lecione em escola particular e lecionava na escola normal e lecionava no ginásio Carangolense, lecionava o dia inteiro, amaldiçoando o dia inteiro as coisas, esse processo de vida.”

A narradora se revela no fragmento (3) extremamente contrariada com o tradicional papel no mercado de trabalho reservado à mulher nas primeiras décadas do século passado. Nesse novo fragmento, percebemos que a personagem ao mesmo tempo em que consolida uma crença em seu pioneirismo, reivindica para si uma identidade transgressora. Por exemplo, quando afirma que: “lia escondido”, o verbo escondido permite que seu discurso revele esse outro aspecto de sua subjetividade.

Ainda com relação a esse mesmo fragmento da narrativa, Boechat deixa transparecer ser usual que as mulheres daquela época tivessem acesso à educação após o ginásio ingressando no magistério. A narradora repudia essa condição de vida, o que pode ser percebido nas seleções feitas no texto com em: “lecionava o dia inteiro, amaldiçoando o dia inteiro as coisas, esse processo de vida”. Combater esse imaginário de crença, utilizando o conceito de Charaudeau (2007) com relação ao lugar na formação educacional e de trabalho da mulher, pode ser interpretado como uma forma de incorporação de um ethos de transgressão.

Assim, ao discursivizar suas memórias, nos parece que a jornalista tenta, pela trama narrativa, dar coesão para sua vida. Ela refuta ou denega índices das representações sociais que muitas vezes tem valor prescritivo e coercitivo para determinar as visões de mundo das mulheres de sua época e valoriza representações mais progressistas.

A narrativa de Boechat nos leva a subentender que a condição de formação intelectual, educacional e profissional das mulheres não deveria estar ligada apenas ao magistério. Outras oportunidades deveriam ser possíveis o que a faz refutar os acentos valorativos positivos incorporados pela sociedade da época à essas representações, que levam a consolidar um imaginário de tradição com relação à condição feminina.

Ainda com relação às relações de trabalho da mulher, Boechat não apresenta em seu discurso nenhuma identificação com as demais representações sociais, com os modelos de ser, com os pontos de vista ligados aos imaginários de crença da sociedade daquele período do início do século passado que delega à mulher um papel secundário. Vejamos mais algumas dessas representações:

(4) “..E fui para a Folha de Minas e depois de discutir o salário, ainda me dei o desprante de discutir o salário, fui admitida para o secretariar o departamento de Publicidade, mas naquele tempo, as redações de jornal, o jornalista era... não tinham seções delimitadas, e quem tivesse bom texto... Que eles achassemfulano tem um bom texto, era aproveitado. Eu comecei a ficar num híbrido entre Departamento de Publicidade e a Redação, lá e cá e, acabei ficando na redação, porque eu tinha um bom texto na opinião deles, né? E fiquei... Sempre que faltava uma secretaria na administração, uma secretaria no departamento pessoal, uma secretaria ... ia eu fazer o negócio. Acabava, voltava eu para a redação, fiquei nesse vai e vem.”

(5) No tempo, era a Associação dos Jornalistas Profissionais e eu era considerada por todos os meus colegas como da Redação, eu também me considerava da Redação, e me inscrevi na associação. Meu número é 136. Foi o primeiro nome de mulher na Associação dos Jornalistas Profissionais e, daí, passei a me dedicar à Redação exclusivamente.”

As sequências (4) e (5) reiteram a condição na mulher no mercado de trabalho do jornalismo profissional no início dos anos 30 do século passado. A seleção: “ela se deu ao desprante de discutir o salário” revela algo impensável para uma mulher naquele tempo: discutir, problematizar a cerca de uma situação complexa. Ainda assim, a narradora o fez, o que deixa emergir em seu discurso uma representação de coragem diante do risco eminente de não ser contratada.

O texto “Naquele tempo, as redações de jornal, o jornalista era... não tinham seções,” ainda deixa antever vestígios de como era operacionalizado o mercado de trabalho para o jornalista que atuava no início dos anos de 1930.

Vale, nesse ponto, uma breve explicação sobre o jornalismo do início do século XIX. Foi naquele período que o jornalismo começou a incorporar outros assuntos e a explorar novos gêneros de texto como notas, reportagens, entrevistas e crônicas. Então, surgiram as editorias especializadas em temas e abordagens específicas como esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária, notícias policiais, regionais, nacionais, internacionais (LUCA, 2008). Mas, só no século XX, mais especificamente a partir dos anos 60, os jornalistas começaram a se especializar de acordo com essas editorias ou seções, considerando a afinidades com temas que habitualmente costumavam

cobrir ou que abordavam com maior facilidade. Essa tendência de especialização incentivou os repórteres a escrever para públicos específicos.

Ao discursivizar sobre si, Maria de Lourdes Boechat também mobiliza algumas representações ligadas ao saber, que buscam geralmente evocar a ideia de domínio do conhecimento, das habilidades técnicas relacionadas ao profissional jornalista, como fica evidente em: “quem tivesse bom texto... Que eles achassem: ... fulano tem um bom texto, era aproveitado”.

A narrativa revela ainda que Boechat se submeteu ao acúmulo de funções no desempenho das atividades profissionais, marcadas pelas expressões: “Eu comecei a ficar num híbrido entre Departamento de Publicidade e a Redação e “ficava nesse vai e vem”. E em momento algum, o discurso da jornalista parece revelar uma subjetividade de alguém que teve a opção de se recusar a tal processo de trabalho. Na narrativa, percebemos os colegas de trabalho, inclusive a reconheciam como sendo uma profissional da redação do jornal e não uma secretária da publicidade, apesar de que apenas sua inscrição oficial na Associação de Jornalistas Profissionais a permitiu ficar apenas na redação.

(6) “A crônica diária do Félix Fernandes Filho, que se chamava Praça 12, era uma crônica de mais ou menos 30 cm por duas colunas... Ele trabalhou comigo 17 anos, escrevendo diariamente uma crônica sobre os mais diversificados assuntos”. Eu substituí o Félix Fernandes um ano e meio porque ele ganhou uma bolsa de estudos para ir para os Estados Unidos e eu fique com a coluna dele o tempo todo. Era comum ouvirmos dizer que compravam a Praça 12 e vinha a Folha da Manhã, tamanha era a importância da crônica. Não convinha que a Praça 12 parasse de sair, assim como não convinha que fosse outra pessoa a redigi-la, a não ser o Félix Fernandes Filho. Já tinha bastante tempo que eu estava na Folha, já tinha bastante experiência, eu trabalhava, eu trabalhei com ele na mesma sala 17 anos, né? Então eu tinha bastante experiência e foi um motivo pra mim assim... de muita felicidade substituir uma pessoa que eu admiro tanto e que tinha um prestígio tão grande, porque no fim de mais ou menos uns 6 meses, muitas pessoas já sabiam, quer dizer, as mais intimas, né? Que era eu quem escrevia a Praça 12, mas o jornal exigia que o nome assinado fosse Felix Fernandes Filho e quando ele voltou, reassumiu a crônica.”

(7) “Mas eu tinha uma agilidade mental muito grande, eu não suportava aquela limitação das mulheres naquele tempo que era cricri, né? Só foi criada- criança, criada- criança, não tinha outra coisa. Na minha casa era receita de doce, e aquilo não tinha... eu não tinha o menor atrativo naquilo. Era a mulher daquele tempo. Hoje não, hoje eu admiro muito as mulheres, né? Porque agora elas também já se

libertaram desse tormento de criança versus criada, né? Mais também não fui muito masculinizada não, tá?

Todas as seleções feitas nos fragmentos (6) e (7) também refletem que a figura do saber que propõe a ideia de “eficiência”, representação, sendo demonstrada geralmente pelo êxito nos resultados alcançados no âmbito profissional. O relato de Boechat revela que pelo exercício da atividade de jornalista, ela adquiriu competências que a levaram a ser bem-sucedida ao substituir o colega de trabalho. Os excertos grifados parecem evocar estas representações.

Na seleção feita em (6) e (7) podemos perceber que, ao mesmo tempo em que se coloca como capaz e pioneira, fazendo saltar ao seu discurso um ethos de transgressora, ao ser a primeira mulher a ter registro de jornalista em Minas Gerais, Boechat acaba se submetendo às imposições de seu tempo, como escrever por mais de um ano e meio o texto de maior sucesso do jornal Folha da Manhã, mas assinar esse mesmo texto como se fosse outra pessoa, no caso um colega de trabalho o jornalista Félix Fernandes Filho.

Percebemos que as representações que saltam da narrativa de Boechat se organizam para mobilizar imaginários que transitam entre a tradição e modernidade, o que pode ser perfeitamente compreendido se levarmos em conta que o depoimento da mesma foi gravado em 1995, mas remonta um tempo passado e fala da condição de trabalho da mulher no início do século XX.

4 ALGUMAS CONCLUSÕES

A narrativa de Lourdes Boechat, uma das muitas que compõem o Acervo Memória do Jornalismo Mineiro, faz reverberar memórias nas quais é possível ouvir as vozes dos outros tempos que marcaram indelevelmente a mulher e a carreira da jornalista no Jornal Folha da Manhã. No plano de enunciação presente, percebe-se que na narradora desdobra em sua enunciação uma consciência crítica, auto reflexiva e avalia as representações sociais que constituíram e constituem sua subjetividade, como o pioneirismo, as transgressões, as crenças e os saberes técnicos ligados à sua prática como jornalista. Nesse lembrar, nessa reconstituição de enunciações passadas, Boechat recontextualiza os discursos de uma época e imprime neles acentos valorativos muitas vezes refutando-os com veemência, como as representações ligadas à mulher, deixando

evidenciar os dois imaginários que destacamos na narrativa de si da jornalista: o de tradição e o de modernidade.

Nesse sentido, esperamos ter contribuído para refletir como uma tentativa de dar coesão e coerência à uma vida pode estruturar as narrativas de si e projetar representações e imaginários sociais. Em um fluxo de uma existência que não se esgota, na multiplicidade das experiências, das lembranças fragmentárias e esparsas o sujeito, por meio da trama narrativa, do artifício da linguagem, busca atribuir um sentido, uma coerência reunir em um todo coeso sua trajetória, projetando, assim, uma identidade discursiva, narrativa provisória, ligada ao ato de enunciação do tempo presente.

É neste sentido, que acreditamos que o corpus documental fundado na narrativa de Lourdes Boechat traz traços reveladores da cultura da sociedade de Belo Horizonte nas primeiras décadas do século. As opiniões de caráter muito pessoal presentes na narrativa de si ajudam a revelar um mundo que não é comumente explicitado pela história da imprensa, pois, muitas vezes, essa se pautou nas obras sobre a técnica e a teoria do fazer jornalismo, silenciando ou não revelando outros posicionamentos importantes sobre os próprios jornalistas, sobre as rotinas da profissão e suas visões de mundo.

A jornalista não produziu apenas material informativo e ao narrar-se, acreditamos que as diferentes escolhas argumentativas dela enquanto sujeito histórico, mobilizadas em seu discurso, podem revelar muito mais que valores técnicos e formais. É no discurso de Boechat, nas entrelinhas de suas escolhas, que estão implícitos os valores culturais e posicionamentos políticos que são preciosos indícios para uma leitura dos significados do fazer jornalístico e da mulher naquela sociedade, das representações e imaginários que se faziam presentes na cultura urbana da nova capital.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail [1979]. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultura da Imprensa – 1900-2000**, São Paulo: Mauad Editora, 2007
- BERGSON, H. **Matéria e Memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Editora Martins e Fontes, 1990.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Langage et discours**. Paris: Hachette, 1982.
- _____. Discurso das **mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2006

- _____. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, Henri (Org). **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Paris: L' Harmattan, 2007, p.49
- _____. Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: LARA, Gláucia Muniz P, et al. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008^a
- _____. Da ideologia aos imaginários sociodiscursivos. In: CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008b.
- _____. **Linguagem e discurso: modos de organização do discurso**. Tradução: Angela M. S.Corrêa e Ida Lúcia Machado. 2. ed., 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, Gláucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco (Org.). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-29.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. **O mundo como Representação**. São Paulo: Estudos Avançados. n. 11, 1991.
- _____. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo
- FOUCAULT, Michel [1969]. **A arqueologia do saber**. São Paulo: Forense Universitária, 2004.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 1990..
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000
- KAUFMANN, JC. **L'invention de soi: une théorie de l'identité**. Paris: Nathan Université, 2014
- LESSA, Cláudio. **A discursivização da memória em relatos autobiográficos de alunos da Eja**. Revista Vertentes & Interfaces II: Estudos Linguísticos e Aplicados. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/5741/5516>.
- LUCA, Tânia Regina de - **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Fontes Históricas (pp. 111-153). São Paulo. Contexto, 2006
- MACHADO, I. L. **Um encontro entre poesia, análise do discurso e narrativa de vida**. Revista do programa de pós-graduação em artes da escola de belas artes da UFMG, v. 6, p. 32-43, 2016.
- MACHADO, I. L. **A narrativa de vida como materialidade discursiva**. Revista da ABRALIN, v. 14, p. 95-108, 2015.
- PÊCHEUX, Michel [1969]. Análise automática do discurso. In: F. GADET e T. HAK (orgs). **Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.